



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM  
CURSO EM BACHARELADO EM JORNALISMO**

**NOÉ ROSENDO DA SILVA**

**JORNALISMO COMUNITÁRIO, JORNALISMO CÍVICO E IRREVERÊNCIA, A  
FÓRMULA DA JORNALISTA SUSANA NASPOLINI**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

**NOÉ ROSENDO DA SILVA**

**JORNALISMO COMUNITÁRIO, JORNALISMO CÍVICO E IRREVERÊNCIA, A  
FÓRMULA DA JORNALISTA SUSANA NASPOLINI**

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC  
apresentado ao Centro de Ciências Sociais  
e Aplicadas - CCSA, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos  
Culturais

**Orientador(a):** Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

**Campina Grande – PB**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586j Silva, Noe Rosendo da.  
Jornalismo comunitário, jornalismo cívico e irreverência, a fórmula da jornalista Susana Napolini. [manuscrito] / Noe Rosendo da Silva. - 2023.  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Jornalismo comunitário. 2. Telejornalismo. 3. Susana Napolini. 4. Sociedade. 5. Jornalismo de serviço. I. Título

21. ed. CDD 070.4

NOÉ ROSENDO DA SILVA

JORNALISMO COMUNITÁRIO, JORNALISMO CÍVICO E IRREVERÊNCIA, A  
FÓRMULA DA JORNALISTA SUSANA NASPOLINI

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC  
apresentado ao Centro de Ciências Sociais  
e Aplicadas - CCSA, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Mídia e Estudos  
Culturais

Aprovada em: 27/06/23.

**BANCA EXAMINADORA**

Ada Késia Guódes Bezerra  
Profa. Dra. Ada Késia Guódes Bezerra (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antônio Simões Menezes  
Prof. Dr. Antônio Simões Menezes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rafael de Araújo Melo  
Prof. Me. Rafael de Araújo Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Susana Napolini, pela forma humanizada e irreverente de fazer jornalismo, e a todos que lutam contra o câncer, dedico este trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. JORNALISMO COMUNITÁRIO E CÍVICO: ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS</b>	<b>10</b>
<b>3. JORNALISMO DE SERVIÇO E A LINGUAGEM DA TV .....</b>	<b>14</b>
<b>4. SUSANA NASPOLINI E SUAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS NO RJ1.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>24</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>25</b>

## **JORNALISMO COMUNITÁRIO, JORNALISMO CÍVICO E IRREVERÊNCIA, A FÓRMULA DA JORNALISTA SUSANA NASPOLINI**

Noé Rosendo da SILVA <sup>1</sup>  
Ada Kesea Guedes BEZERRA <sup>2</sup>

### **RESUMO**

O jornalismo possui um papel de extrema importância no que diz respeito às configurações sociais e políticas atualmente estabelecidas. Independentemente de seu segmento, ele exerce uma função social diretamente ligada à formação de opinião da população. Durante esta pesquisa, um de seus aspectos que merece maior atenção é o jornalismo enquanto prestação de serviço para a comunidade, tendo em vista diversos problemas sociais solucionados a partir da explanação de realidades ocultas, determinadas pela atuação jornalística que dá voz ao povo. Este trabalho é um estudo de caso que resulta de pesquisa de cunho qualitativo e tem por objetivo discorrer sobre os conceitos de jornalismo comunitário e cívico, tratar das características do jornalismo de serviço considerando a linguagem da TV e, por fim, trazer à tona a grande contribuição da jornalista Susana Naspolini para o telejornalismo brasileiro, a partir da análise de três reportagens que foram ao ar no RJ1. Os resultados obtidos a partir da observação da atuação jornalística de Susana não podem ser desagregados de sua biografia. A verificação das reportagens aponta para a transparência ao lidar com os problemas da população, fomentada por autenticidade e comprometimento, responsáveis pela entrega de um fazer jornalístico sério e, sobretudo, humano.

**Palavras-chave:** Jornalismo comunitário. Telejornalismo. Susana Naspolini. Sociedade. Jornalismo de serviço.

### **ABSTRACT**

Journalism plays an extremely important role with regard to the currently established social and political configurations. Regardless of its segment, it exercises a social function directly linked to the formation of the population's opinion. During this research, one of its aspects that deserves greater attention is journalism as a service to the community, in view of several social problems solved from the explanation of hidden realities, determined by the journalistic performance that gives voice to the people. The present research, of a qualitative nature, aims to discuss the elucidation of the concepts of community and civic journalism, to deal with the characteristics of service journalism considering the language of TV and, finally, to bring to light the great contribution of the journalist Susana Naspolini for Brazilian telejournalism, based on

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: [noerosendo17@gmail.com](mailto:noerosendo17@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social - DECOM, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: [adaguedes@gmail.com](mailto:adaguedes@gmail.com)

the analysis of three reports that aired on RJ1. The results obtained from observing Susana's journalistic work cannot be disaggregated from her biography. Verification of the reports points to transparency in dealing with the population's problems, fostered by authenticity and commitment, responsible for delivering a serious and, above all, humane journalistic work.

**Key-words:** Community journalism. Telejournalism. Susana Napolini. Society. Service journalism.

## 1. INTRODUÇÃO

O surgimento do jornalismo no Brasil se deu de maneira comedida no século XIX, num contexto de Brasil colonial. Evidentemente, como distintas áreas de atuação social, ele evoluiu, se amplificou e passou por diversas transformações para chegar ao que conhecemos atualmente como jornalismo, estabelecido na pós-modernidade. De maneira paralela a isto, além da evolução gradativa, foram acontecendo as subdivisões do jornalismo, cuja segregação se dá de acordo com a área temática a ser tratada e o público alvo de interesse.

Não podem deixar de ser mencionadas, também, as plataformas de veiculação dos jornais, como a adaptação do jornal impresso para o mundo digital e a evolução para o telejornal, passando pelos jornais de rádio, cuja audiência era fiel e constante. A maneira como ocorre o fazer jornalístico também mudou consideravelmente, tendo em vista que passou de um jornal estritamente formal, no qual havia a predominância de um padrão quase robótico, para um jornal descontraído, mais leve e irreverente, marca registrada da atuação de Susana Napolini, que será melhor esclarecida ao longo da pesquisa.

Diante de consideráveis mutações, a algumas especificidades será dada maior atenção neste artigo, a exemplo dos jornalismo comunitário, cívico e de serviço. Outro fator de interesse a esta pesquisa é a linguagem da TV, ou seja, a maneira esclarecedora, direta e objetiva sob a qual a linguagem deve ser apresentada no telejornalismo, de maneira que não se sobressaia aos demais recursos audiovisuais.

A título de um primeiro e breve esclarecimento acerca dos conceitos supracitados, o que se entende por jornalismo comunitário diz respeito à colaboração da população, que atua diretamente como contribuinte ativa desse aspecto. O exercício desse tipo de jornalismo faz com que as problemáticas coletivas de grupos sociais específicos sejam, se não solucionadas, ao menos atenuadas. Levando em conta os traços do jornalismo de serviço, é válido mencionar, neste espaço introdutório, o papel do jornalismo comunitário de ponte entre quem não é ouvido e as autoridades responsáveis pelas reivindicações populares.

Por outro lado, o surgimento do jornalismo cívico se dá de maneira consideravelmente distinta ao anterior: parte de um distanciamento da mídia americana da esfera pública. Com um afastamento deste cunho, o jornalismo tem a perder, pois é na esfera pública que ocorre o seu modo operacional mais eficiente. Esse tipo de jornalismo ganhou credibilidade diante da tentativa de reaproximação com a população.

Dando espaço para tratar dessas formas do fazer jornalístico, convém mencionar algumas características essenciais que inevitavelmente se relacionam com a figura que domina o jornalismo comunitário e é de grande relevância para esta pesquisa: Susana Napolini, uma das jornalistas que fez história e deixou legado no telejornalismo brasileiro.

A catarinense Susana Napolini já apontava, na infância, sinais evidentes do caminho que iria traçar profissionalmente na vida adulta, e assim ocorreu. Susana brincava de repórter que resolvia os problemas do povo. Dito de outro modo, Susana já previa seu brilhante futuro profissional, que foi se concretizando por meio da faculdade de comunicação social e do início de carreira bem jovem, ainda aos dezenove anos de idade.

O jornalismo de Susana Napolini era ímpar. Brincalhona, amada e respeitada pelo povo, ela levava ao pé da letra a resolução dos problemas da população, atuando como porta voz e sendo facilitadora das reivindicações sociais direcionadas a autoridades como prefeitos, secretários de infraestrutura, entre outros. Gente como a gente, dona de uma humildade que a fez gigante, Susana mostrou que sem o povo, a engrenagem do jornalismo não roda.

Em termos metodológicos, este artigo se constitui, portanto, em um estudo de caso e tem como material empírico três reportagens conduzidas pela então jornalista e veiculada no telejornal RJTV, no qual atuou como repórter. Para Goldenberg (2011) o estudo de caso é uma abordagem que compreende uma análise holística, não se trata de uma técnica em específico, mas um conjunto de técnicas que “considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2011, p. 33).

Aqui o objeto em análise é o *modus operandi* da jornalista entanto repórter, tomando como referência o produto final de seu trabalho que são as reportagens. Como resultados, vale antecipar brevemente que o jornalismo que praticou ao longo de sua atuação foi compatível com o jornalismo comunitário, cívico, popular e humanizado.

## **2. JORNALISMO COMUNITÁRIO E CÍVICO: ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS**

No âmbito jornalístico há diversas esferas que podem passar despercebidas pelo telespectador ou leitor comum, que pode considerar tratar-se de um jornalismo único e padronizado, todavia, existem diferentes áreas e nichos no fazer jornalístico. Tais diferenças são definidas pelas especificidades a partir das quais se configuram e, principalmente, pelo objetivo que anseiam alcançar e o público que desejam atingir.

Além dos campos especializados, como jornalismo esportivo, cultural, econômico, político, científico, etc., há ainda peculiaridades que forjam outras nomenclaturas, como jornalismo comunitário e cívico, sendo estes últimos temáticas de nosso interesse. O primeiro, ao qual irei me deter agora, é de cunho político e cultural, cuja efetivação proporciona a incitação da resolução das questões locais, bem como faz emergir uma conscientização daquela população em foco. Os interesses e problemáticas de alguns cidadãos podem, por meio desse tipo específico de jornalismo, serem ouvidos pelas autoridades de interesse, o que não ocorre nas grandes empresas jornalísticas, divergência sobre a qual falarei mais adiante.

Para Marcondes Filho (1987) o jornalismo comunitário está positiva e intrinsecamente ligado à humanização e socialização do indivíduo, uma vez que garante espaço para que se mostre e debata sobre os interesses das classes subalternas, à base trabalhadora etc. O que se conhece como jornalismo comunitário, por sua vez, conta com a participação ativa da população, não somente passiva apenas como telespectador dos grandes veículos, mas como personagens de seus próprios dramas diários.

Vale salientar, de antemão, a necessidade de esclarecimento diante uma possível confusão entre jornalismo comunitário e jornalismo alternativo. Segundo Freitas (2006), o jornalismo (ou imprensa) alternativo(a) teve seu surgimento marcado

no ápice da ditadura militar, diante da perseguição sofrida por muitos jornalistas, o que fez com que estes buscassem um lugar de refúgio no qual pudessem, com segurança, pensar contra o sistema. Dito isso, este jornalismo é demarcado puramente por questões ideológicas, característica à qual não se limita o jornalismo comunitário.

Para entender a relevância do jornalismo comunitário, faz-se necessário compreender os movimentos das bases sociais, cujo objetivo consiste na busca por melhorias para um grupo específico ou comunidade na qual se insere. Para Marcondes Filho (1987), se este jornalismo não seguir suas especificidades que o diferenciam do jornalismo da grande imprensa, será apenas mais um jornal em meio a outros com interesse de mercado. Trata-se, então, de um tipo de jornalismo bastante considerável para uma parcela da população, uma vez que auxilia nas reivindicações direcionadas ao poder público, trazendo mais impacto a uma voz que deseja ser ouvida.

Há certa atenção dada à participação de membros da comunidade no jornalismo comunitário, pois eles sabem da realidade na qual se encontra e podem falar, com propriedade, das demandas mais urgentes. Dito isto, vale salientar os diferentes níveis de participação, estipulados por Peruzzo (1998), que estas pessoas podem exercer. São eles: a participação passiva; a controlada; a cogestão e a autogestão.

A participação passiva, portadora de nomenclatura bastante sugestiva, diz respeito à passagem passiva que alguém faz, de algum poder, à outra pessoa. Esta delegação de poder faz com que o indivíduo não participe ativamente da produção jornalística, recebendo seu conteúdo apenas passivamente. Ocorre, geralmente, no jornalismo da cobertura noticiosa da grande imprensa.

A controladora, por sua vez, torna-se uma forma mais vulnerável à manipulação, devido a uma falsa sensação de poder delegada ao indivíduo que, na verdade, ao invés de autônomo, está sendo controlado. Ocorre quando a população tem uma pequena participação controlada, nos grandes jornais. Mas, vale destacar que essa atuação se faz de forma recortada, direcionada e, portanto, sem autonomia por parte dos sujeitos.

A participação da cogestão representa, segundo a autora, uma espécie de equilíbrio entre a participação passiva e a autogestão, que será esclarecida em sequência. Apesar de aparentemente moderado, este modelo de participação é um caminho para o ideal, mas ainda não cumpre este papel, pois se assemelha ao anterior, causando, novamente, uma falsa sensação de poder, por parte de quem a põe em prática.

Em quarto e último lugar, situa-se a maneira de participação no jornalismo comunitário, denominada autogestão. Segundo Peruzzo (1988, p. 84) “refere-se à participação direta da população nas associações e nos órgãos do poder público ou dos trabalhadores nas empresas, no que se refere à tomada de decisões”. Vale lembrar que os dois últimos modelos de participação são mais viáveis de execução no jornalismo comunitário. A este respeito, Freitas afirma que

[...] o jornalismo comunitário pode ser uma forma da população sair do nível de receptor da mensagem e chegar ao nível mais profundo de Gestão dos meios de comunicação. Mas para isso, é necessário que a população envolva-se com essa arma de comunicação utilizando-a

como uma forma de formar cidadãos mais politizados. (FREITAS, 2006, p. 20).

A partir do mencionado, evidencia-se a relevância do papel social exercido pelo jornalismo comunitário. Garcia Márquez (2006) fala a respeito da emergência de certa indiferença no campo jornalístico, principalmente dos grandes veículos de imprensa. Para o autor, dom e vocação são necessários para uma execução eficaz desta profissão. Ele também alerta para as mudanças sofridas nas últimas décadas, principalmente devido aos avanços tecnológicos, que tem apontado para certo aniquilamento do lado humanizador do jornalismo. Dessa maneira, “entra o jornalismo comunitário como alternativa para se desvincular dessa lógica de mercado dos grandes veículos de comunicação e assume o papel que deveria ser de todo jornalismo: o papel social.” (FREITAS, 2006, p. 24).

Tratando agora do jornalismo cívico, vale salientar que, ao contrário do comunitário que tem sua consolidação diretamente nas comunidades populares, o cívico percorreu um caminho distinto, surgindo após suspeitas políticas e a elitização da maior parte da imprensa americana que se afastou dos cidadãos da esfera pública, passando a cobrir e atender demandas apenas do governo. Diante deste afastamento, tornou-se necessária sua reaproximação com a esfera aqui mencionada, considerando que a esfera pública é “o contexto final em que o jornalismo opera” (AHVA, 2011, p.119).

Enquanto precursor do jornalismo cívico, apresenta-se o relatório da Comissão de Hutchins, de 1947, portador do lema “Uma imprensa livre e responsável”, que, segundo Lima (2008), precipitava as modificações que surgiriam e buscava esclarecer quais eram as funções da mídia na sociedade moderna, respondendo às críticas emergentes a respeito da atuação midiática.

O surgimento do jornalismo cívico é datado do final dos anos de 1980. O editor Davis Merritt que, ao lado de Jay Rosen, constituem a dupla considerada como os pais do jornalismo cívico, foi um dos primeiros a apresentar preocupações que, ao longo do tempo, nos Estados Unidos, favoreceram a futura consolidação desse tipo de jornalismo.

O rumo tomado pela cobertura política, na década de 1980, provocou perda de assinantes e o declínio de jornais de pequeno e médio porte, segundo Fernandes (2008). Foi a partir desta problemática que, a fim de converter esta condição, os jornais se arriscaram em temáticas com maior proximidade da cidadania e da comunidade em que atuavam. Dessa maneira, o jornalismo cívico foi ganhando espaço, visando reconquistar a confiança dos cidadãos, fazendo uso da estratégia de inseri-los ativamente na vida pública, amparando os debates e auxiliando na resolução dos problemas comunitários locais.

Utilizando-se desta estratégia, visualizaram-se resultados positivos, pois, segundo (SCORTEGAGNA, 2013, p. 15) “na base deste jornalismo estava a importância do local e do contato com o público, o fortalecimento da democracia e da ética.” A autora afirma também que “o público busca mais informações sobre o que acontece ao seu redor, e pouco se interessa por fatos que acontecem em outras partes do mundo, ou mesmo do país.” O que reforça os resultados benéficos da mudança de estratégia midiática, que passou do amparo exclusivo ao Governo, para as questões próximas à comunidade.

Mais um fato relevante a ser tratado é o de que a razão da existência do jornalismo cívico se dá pela relação intrínseca entre jornalismo e democracia, fortemente defendida pelos seus criadores, anteriormente mencionados: Merritt (1997) e Rosen (1993). Este, por sua vez, a respeito desta relação indissociável, defende que “o jornalismo é uma das mais importantes artes da democracia, e que seu objetivo final não é fazer notícias, ou reputações, ou manchetes, mas simplesmente fazer a democracia funcionar” (ROSEN In: TRAQUINA; MESQUITA, 2003, p. 84).

O jornalismo cívico surge, então, da compreensão de que a prática jornalística deveria ser mais pública. Diversos autores como Ahva (2011), mencionam a importância de direcionar-se à esfera pública para entender o papel do jornalismo na sociedade, o que reforça a tese de que jornalismo sem sociedade, democracia, e participação pública ativa, certamente não possui condições para um funcionamento eficaz, relevante e útil. O autor compreende que:

para o jornalismo público a melhor maneira de entender a estrutura da esfera pública é considerar o caráter público como o princípio definidor e considerar a esfera pública como sendo composta por múltiplos públicos que podem surgir, dissolver ou protelar e que estão interligados através de redes. Assim, em uma teoria do jornalismo público, precisamos de uma concepção de uma esfera pública abrangente a fim de ter uma discussão relevante sobre as possibilidades e limitações do jornalismo público para levar adiante a diversidade de opiniões dos cidadãos dos sub-públicos na esfera pública e, finalmente, ter um impacto sobre os processos de elaboração de políticas. (AHVA, 2011, p. 123).

A eleição presidencial americana de 1988 teve grande colaboração, devido às suspeitas políticas e desconfiança emergente da parte dos jornalistas para com os políticos. Por este motivo, “Foi este rumo do jornalismo americano que levou Merritt, bem como outros jornalistas, a pensarem que outra prática não só era possível, como necessária.” (SCORTEGAGNA, 2013, p. 20).

Em sua atuação prática, os jornalistas cívicos se baseiam em levantamentos de dados para inteirar-se das questões de uma comunidade específica, pois:

Utilizam-se de sondagens, pesquisas e grupos focais para identificar quais os temas que preocupam a comunidade onde atuam. Partem da agenda dos cidadãos para, então, elaborar as pautas. Como resultado, elaboram reportagens que fazem análises abrangentes das questões levantadas pelos cidadãos. Em eleições – situação que motivou a criação do Jornalismo Cívico – as reportagens buscam analisar candidatos e questioná-los quanto às questões que preocupam o público. A agenda dos cidadãos, suas preocupações, suas prioridades, suas necessidades pautam o Jornalismo Cívico (SCORTEGAGNA, 2013, p. 22).

Evidencia-se, de tal modo, que tanto o jornalismo comunitário quanto o cívico, independentemente da maneira como surgiram e das diferenciações geográficas, relembrando que o segundo teve início no jornalismo americano, dependem, para a

execução útil de seus papéis sociais, da comunidade, de questões próximas a ela e, primordialmente, da democratização midiática.

### 3. JORNALISMO DE SERVIÇO E A LINGUAGEM DA TV

Ao contrário do jornal impresso e do rádio, a televisão nos fornece a imagem em mobilidade e esta imagem pode transmitir ao telespectador, uma ampla diversidade de sensações incapazes de serem limitadas somente ao som ou a palavra, unicamente. A imagem traduz o que outros meios não são capazes de traduzir sozinhos. A imagem em movimento tem mais potência que a imagem parada e, sendo assistida pela palavra, ou seja, pela linguagem, acaba transmitindo uma mensagem de maneira eficaz e ativa. Dito isto, sintetizamos de forma bem simplória, que é assim que se dá a funcionalidade da informação na TV: partindo da relação entre a imagem e o texto.

A televisão se utiliza da imagem para prender a atenção de seus telespectadores, tendo em vista que é uma das principais características que a diferencia dos demais meios de transmissão de informação. O texto ou linguagem da TV preza por passar ao telespectador uma informação completa e esclarecida, todavia, não deve se sobressair em detrimento da imagem (o que seria característico aos jornais impressos) mantendo-se simples, direto e, primordialmente, informativo.

A partir de tais constatações, compreende-se que o redator responsável por esta produção textual na TV deve estar atento a determinadas adequações textuais, uma delas é, portanto, o uso da linguagem coloquial (ao invés daquela estritamente formal) visando o alcance e compreensão da informação por parte de todas as camadas sociais, não deixando à margem aquelas menos instruídas. Esta linguagem, então, deve estar intrinsecamente correlacionada à imagem, evitando-se incongruências entre ambos.

Considerando uma relação de hierarquia entre o rádio e a televisão, há o fator de que o rádio atua com a transmissão instantânea de notícias, além de ser portátil e estar em diferentes lugares da casa, do trabalho e até mesmo no caminho ao trabalho, sendo um dos veículos de comunicação mais incorporado à nossa rotina, todavia, segundo (PATERNOSTRO, 1999, p.63) o rádio não possui o que a televisão possui: “a mensagem sonora aliada à mensagem visual.”

Paternostro (1999) traz à tona, também, um hábito corriqueiro da população: ela relembra que, ao ouvirmos uma notícia de grande impacto no rádio, rápida e automaticamente, ligamos a televisão a fim de ficarmos totalmente à par do ocorrido, ou seja, é fato que a associação da tríade: mensagem sonora, visual e da textual complementando esta última, fornece ao telespectador a completude de uma notícia, uma vez que algo de grande impacto noticiado apenas por meio da mensagem sonora ou textual, nos leva a fantasiar possíveis imagens irreais do ocorrido. A este respeito, ela afirma:

A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano: a visão e a audição. Sem contar que uma notícia de grande impacto afeta as pessoas de forma emocional. Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes para sempre (PATERNOSTRO, 1999, p. 63).

Diante de uma análise mais atenta às vantagens e desvantagens da mensagem emitida pela televisão, nota-se que, por se tratar de um veículo de comunicação de massa (considerando, também, o seu potente poder atrativo, devido a transmissão da imagem em constante deslocamento) a televisão acaba pecando por superficialidade.

O ritmo da emissão de notícias da TV aberta acaba se dando de maneira breve (o que acarreta a superficialidade) porém, essa desvantagem aliada à vantagem da mensagem visual constitui uma espécie de equilíbrio, como sendo uma característica individual da televisão. Ela acaba instigando e induzindo o telespectador à busca de informação. Neste cenário, a TV atua como mediadora da difusão de conhecimento.

A estrutura da televisão enquanto veículo de comunicação de massa tem suas especificidades, às quais os jornalistas que se propõem a escrever textos para a TV devem estar atentos. Paternostro (1999) lista um conjunto de características que devem estar sob o domínio destes profissionais ao exercerem este ofício. São elas: informação visual, imediatismo, alcance, instantaneidade, envolvimento, superficialidade (o *timing*) e o índice de audiência.

O texto escrito a partir destas características supracitadas é redigido para ser falado (pelo locutor) e ouvido (pelo telespectador). Neste canal de comunicação, para que o objetivo desejado pelo locutor seja alcançado, que é, primordialmente, o da clareza e completude da emissão da informação, a mensagem emitida instantaneamente deve ser rapidamente captada pelo receptor, ou seja, pelo telespectador. Em caso contrário, a transmissão da informação fracassou.

Diante dessas especificidades, evidencia-se a principal diferença entre a o jornal impresso e o telejornal: a maneira de emitir a informação. A linguagem (o texto) do jornal impresso é construída de maneira mais “lenta”, por assim dizer, tendo em vista que não se baseia na característica da instantaneidade e será lida de maneira mais vagarosa pelo leitor, que pode retornar ao texto quantas vezes desejar, em caso de não-compreensão da informação. Já a linguagem do telejornal, é construída para ser lida em voz alta (certamente por um repórter ou apresentador) e chegar velozmente ao receptor, sob intenção de ser primordialmente compreendida. A respeito do texto escrito para ser falado, Paternostro menciona:

Por trás da leitura em voz alta há também uma preocupação bem maior: a sonoridade das palavras. No caso do telejornalismo, o efeito sonoro do texto passa a ter real importância, já que estamos trabalhando em um veículo em que o sentido da audição é muito explorado (PATERNOSTRO, 1999, p. 67).

A este aspecto da relevância da sonoridade, estão diretamente ligadas as questões gramaticais, pois a pontuação, acentuação, organização sintática e escolha das palavras adequadas farão grande diferença para a construção de períodos informativos coerentes. Em alguns casos, conhecer palavras sinônimas e alterar logicamente a ordem dos vocábulos nas frases, sem comprometer sua disposição semântica, contribuirá para a construção de orações que serão melhor recebidas pelos telespectadores.

Esses detalhes ficam evidentes e claros, fáceis de ser solucionados, sempre que a leitura do texto em voz alta se tornar um hábito. É muito comum, nas redações de telejornal, encontrarmos jornalistas "falando sozinhos". Eles estão repassando seu texto, como se fossem o apresentador, com entonação, com interpretação, com a força das

palavras que estão usando. E é nesse momento que erros primários, encontrados com frequência nos textos dos telejornais, podem ser corrigidos (PATENOSTRO, 1999, p. 67).

Uma característica também atrelada ao jornalismo de TV é o de prestador de serviço ao telespectador brasileiro. Além do entretenimento, a televisão também pode apresentar, para alguns brasileiros, outros papéis utilitários e é daí que surge a referência à uma espécie de prestação de serviços. A esmagadora maioria dos brasileiros possui um ou mais aparelhos de televisão em casa. Há até quem possua um em cada cômodo do imóvel, o que evidencia a predominância da televisão no dia-a-dia das pessoas.

A programação disponibilizada pela TV aberta é bastante vasta e vai de programas formais, informativos e até pedagógicos, a programas voltados meramente ao entretenimento, como shows humorísticos, festivais de música e novelas. Diante deste cenário composto por opções diversificadas, cabe ao telespectador filtrar a sua utilidade:

A televisão é uma das mídias mais presentes na vida das pessoas. E essa afirmação não faz parte do senso comum e sim das principais pesquisas sobre mídia no Brasil. Sendo assim, com essa dimensão que ela alcança, a sua responsabilidade também pode ser “estendida” afinal, mesmo sabendo que ela chegou ao país para informar e entreter, muitas pessoas atribuem a ela outras características marcantes como educar, incluir, democratizar, socializar (MOREIRA, 2018, p. 1).

De acordo com o IBGE, na década de 1990, a televisão estava à frente de todo e qualquer eletrodoméstico na casa dos brasileiros, ocupando uma predominância de 87% em relação a 82% direcionados a outros tipos de aparelhos. Este dado, por si só, já nos diz muito a respeito da importância da TV e sua influência no cotidiano da população brasileira, o que também inclui, sem dúvida alguma, o seu papel (seja benéfico ou não) na educação de crianças que residem nessas casas e acabam ficando boa parte de seu dia expostas à TV.

Considerando essas e outras pesquisas realizadas, torna-se inegável o protagonismo da televisão nas mídias brasileiras. Esta população, por sua vez, constitui um grupo de telespectadores fiéis, atraídos pelas armas da televisão que fisgam a atenção de quem está diante dela. Uma “chamada” bem feita, faz com que o telespectador não queira se dispersar, evitando quaisquer desvios de atenção, principalmente devido a rapidez e instantaneidade televisiva, característica mencionada anteriormente, que põe em risco a perda da informação, para telespectadores desatentos, pois

[...] são várias as maneiras que a mídia utiliza para “prender” a atenção das pessoas, mas não há como negar que, entre todas as mídias, a televisão consegue fazer isso mais facilmente, utilizando esse poder que ela tem em unir som e imagem por meio do vídeo. Sendo assim, não apenas como fonte de informação e entretenimento, a TV também pode contribuir no desenvolvimento social e cultural das pessoas, por meio de uma programação de qualidade, que atenda às necessidades dos telespectadores e ao mesmo tempo o influencie de maneira positiva a entender/compreender o que está a sua volta. Por isso, é

tão importante compreender a televisão de maneira geral, entendendo até mesmo como ela pode ser classificada (MOREIRA, 2018, p. 3).

Dando sequência ao raciocínio do caráter utilitário da TV, faz-se necessário mencionar o chamado “jornalismo de serviço”. A atividade jornalística possui condição intrínseca de serviço, tendo em vista que o trabalho do jornalista de noticiar publicamente uma informação, já diz respeito a uma prestação de serviço à sociedade, uma vez que esta se mantém informada, principalmente, por meio do ato do profissional que torna pública a emissão de informações/conhecimento. A fim de esclarecimento do termo, Magalhães explica:

Em termos práticos, o jornalismo utilitário funciona através de pautas que orientam a população no cotidiano e na tomada de decisões, seja numa reportagem sobre uma campanha de vacinação, seja através de uma reclamação de buracos na rua, falta de saneamento de um bairro, ausência de políticas públicas voltadas para educação, despejo de lixo em locais inapropriados, falta de abastecimento de água, abertura de inscrições para cursos, concursos e palestras, indicação dos melhores preços de bacalhau para a semana Santa etc., sempre informando de uma forma acessível, traduzindo a realidade para o público (MAGALHÃES, 2011, p. 37).

Diante da emergência de diversos meios informativos característicos da contemporaneidade, compreende-se que a notícia acabou perdendo um pouco da sua expressão suprema no mundo jornalístico, pois, novos sistemas midiáticos priorizam o entretenimento do espectador, em detrimento dos critérios de noticiabilidade de interesse público. Tais mudanças advindas da revolução industrial implicam transformações constantes no mundo jornalístico, que se adapta a fim de garantir ao cidadão orientação e, acima de tudo, a predominância da verdade, atrelada à emissão do conhecimento.

#### **4. SUSANA NASPOLINI E SUAS COBERTURAS JORNALÍSTICAS NO RJ1**

A jornalista Susana Naspolini nasceu em 20 de dezembro de 1972, na cidade de Criciúma, Santa Catarina. Desde jovem, sempre sonhou em ser repórter, encenando matérias fictícias desde a infância, nas quais solucionava problemas da população, o que mais tarde tornou-se realidade. Susana, então, prestou vestibular para Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Catarina e alcançou a aprovação.

O início de sua carreira se deu aos 19 anos, quando começou a trabalhar como repórter no SBT. O primeiro programa apresentado por Susana foi o “Bom dia Santa Catarina”, constituinte de uma afiliada da Rede Globo, a RBS, situada na cidade natal da repórter. O convite para apresentar este programa surgiu em 1994, quando ela voltou a morar em Criciúma.<sup>3</sup>

Os veículos de comunicação para os quais trabalhou foram, predominantemente, jornais de televisão. Iniciando como repórter no SBT, passando

---

<sup>3</sup> Tais informações sobre a vida da jornalista estão dispostas no site oficial da rede Globo, intitulado “Memória Globo”. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/susana-naspolini/noticia/susana-naspolini.ghml>. Data de acesso: 28/04/2023.

a apresentadora de jornal na RBS em Criciúma e, mais tarde, ingressando na TV Globo, no Rio de Janeiro, o que fez com que ela se tornasse um fenômeno entre a população carioca e que sua carreira alavancasse de vez.

Susana casou-se com Maurício Torres. Em 2002, cobriu uma licença de seu cônjuge, como repórter, na Globonews, função cumprida por ela até o ano de 2004. Nessa época de cobertura à Globonews, Napolini relatou que não tinha uma rotina fixa de horários e que a função exigia fôlego e agilidade, devido a intensidade de produção. Dentre as diversas coberturas realizadas, a repórter relatou uma específica que mais a marcou: a de um surto de dengue no Rio de Janeiro.

Depois de dois anos exercendo tal função, Susana permaneceu por seis meses no canal futura, realizando matérias um pouco mais extensas sobre temáticas de relevância social. Daí então seguiu para uma assessoria de imprensa até receber, oficialmente, um convite de Juarez Passos, chefe de produção da Editoria Rio, da Rede Globo.

Ao ingressar na Editoria Rio, a repórter atuou no quadro “O eleitor quer saber”, que era exibido no “RJ1”. Tendo em vista que se tratava de ano eleitoral, este quadro visava mostrar os problemas mais incomodativos da população, visando elaborar indagações a serem direcionadas aos candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro. Nesta atuação, a repórter já dava início ao que marcaria o seu profissionalismo em lidar diretamente com o público, tornando-se, futuramente, referência quando o assunto era atender aos pedidos da população carioca. No site Memória Globo, a repórter falou sobre como percebe o seu trabalho: “o jornalismo local é minha paixão. É sobre a cidade em que a gente mora, é onde a gente cumpre nossa missão de jornalista, que é fazer o mundo melhor, ajudar as pessoas, contribuir de alguma forma. Só que daí tem de tudo, matérias alegres, tristes, violência, saúde”.<sup>4</sup>

No ano de 2008, ela apresentou pela primeira vez o quadro que lhe garantiu destaque profissional, aliado ao seu jeito brincalhão, amigável e espontâneo, trata-se do “RJ Móvel”, quadro comunitário do “RJ1”, da rede Globo, no Rio de Janeiro. Aqui, ela direcionava cobranças às autoridades, por meio de denúncias dos problemas que afligiam a vida da população. Susana costumava marcar em um calendário a data que esteve pela primeira vez no local do problema, bem como seu retorno ao mesmo, a fim de verificar se as pendências já haviam sido solucionadas pelas autoridades responsáveis.<sup>5</sup>

Susana enfrentou o tratamento contra o câncer, diagnosticado pela primeira vez, antes mesmo dos vinte anos de idade. A repórter teve que se afastar do “RJ Móvel” em 2009, 2016 e 2020, para seguir com o tratamento, diante da retomada da doença que, lamentavelmente, foi se espalhando por seu corpo. Em 2019 ela chegou a publicar uma autobiografia, na qual relata sua força na luta constante contra a doença. O otimismo foi uma de suas características e contribuíram para o enfrentamento destes momentos difíceis. Chegando a um estado considerado gravíssimo pelos médicos, devido a maneira como o câncer se alastrou em seu corpo, a repórter acabou falecendo, aos 49 anos de idade, no dia 25 de outubro de 2022, em São Paulo.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/susana-napolini/noticia/susana-napolini.ghtml>. Data de acesso: 28/04/2023.

<sup>5</sup> Vale ressaltar que esta estratégia não foi única do programa para o qual Susana trabalhava, mas foi utilizado em vários telejornais de afiliadas da Rede Globo a partir de 2012.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/susana-napolini/noticia/susana-napolini.ghtml>. Data de acesso: 28/04/2023.

Seu nome marcou uma fase importante e se tornou referência de um tipo de cobertura jornalística sobre assuntos cotidianos que envolvem problemas sociais e demandas da população de uma forma leve e de caráter participativo da população. Sua marca e legado ficaram para lembrar seu comprometimento com o ofício que desempenhou com tanta alegria e profissionalismo.

Para entender melhor como se dava sua atuação jornalística, bem como buscar conceituar sua forma de jornalismo, esse artigo contempla uma análise de três reportagens por ela realizadas, todas exibidas no RJ1. Contudo, antes de proceder com a observação e análise, se faz necessário falar brevemente sobre o veículo no qual Susana era repórter. Isso se faz relevante para contextualizar sobre a linha editorial, formato e missão da produção do telejornal.

O RJTV é um telejornal da emissora brasileira de comunicação, Rede Globo, com estúdios localizados no Rio de Janeiro, como o próprio nome esclarece. Ele foi criado em 1983, com edições muito breves, de dez minutos, objetivando veicular informações sobre a cidade e o estado do Rio de Janeiro, ou seja, com caráter de noticiário local, diferente dos grandes telejornais já consolidados da emissora carioca. Indo ao ar apenas sob forma de edição única, o telejornal passou por mudanças:

Nos oito meses seguintes o RJTV passou a contar com mais duas edições, uma ao meio-dia – que era mais voltada aos problemas diários da cidade -, e outra às 23 horas. No entanto, teria sido no ano 2000 que o telejornal diário tenha começado a assumir um formato mais comunitário (MATOS, 2011, p. 91).

Dessa maneira, o que conhecemos hoje como RJ1 corresponde à primeira edição do telejornal e, respectivamente, o RJ2 corresponde à segunda edição do RJTV. Em novembro de 2009, segundo Matos (2011) a 1ª edição do telejornal (já constituinte da segregação dupla do RJTV) passou por uma considerável repaginação, assumindo oficialmente um caráter de jornal comunitário, sob “o tom de prestação de serviço” à população carioca, e é aí que Susana Napolini (ingressando no telejornal em 2008) ganha destaque com seu modo espontâneo e autêntico de fazer jornalismo.

Ou seja, trata-se de produções noticiosas para alimentar um telejornal voltado para o público local, o que requer um tom mais intimista entre repórteres e telespectadores. Os assuntos de interesse são de ordem local, e por isso mesmo requer linguagem, interação e abordagem mais intimistas. Ciente destas características do telejornal, é momento de voltar o olhar para o trabalho que a jornalista realizou como repórter desta produção. Para tanto, foram selecionadas as seguintes coberturas jornalísticas:

1. Reportagem sobre a caótica situação da rua Basileu Nogueira da Costa, no município de São Gonçalo – Rio de Janeiro, devido à ausência de drenagem e asfalto. Exibida no dia 16/12/2019, com duração de 5 minutos e 16 segundos. Nesta cobertura, a finalidade era conseguir uma resposta efetiva da prefeitura do município a respeito do asfaltamento da rua, tendo em vista que há cinco anos a população aguarda uma tomada de decisão do poder público. A missão de Susana Napolini era dar espaço para relatos e queixas dos moradores, entrevistando residentes e pessoas que precisavam passar diariamente de bicicleta ou motocicleta sobre os buracos e valas abertas. Além disso, esta foi a 22ª visita da repórter a esta rua, sob esta mesma reivindicação da população local;

2. Reportagem sobre a falta de saneamento e asfalto na comunidade da Muzena, em Itanhangá – Rio de Janeiro. Neste caso, a obra até foi iniciada, mas há muito tempo está abandonada, fazendo com que esta seja a 18ª visita de Susana à comunidade. Devido à não-conclusão das ruas, os moradores têm de transitar pela lama, nas épocas de chuva. Exibida no dia 31/10/2019, com duração de 6 minutos e 25 segundos, nesta cobertura a finalidade era cobrar a finalização da obra por parte da prefeitura;
3. Reportagem sobre obra feita do Rio das pedras (bairro da zona oeste do Rio de Janeiro) pelos próprios moradores, diante do descaso do poder público. Neste caso, ao chover, a água não encontrava saída e alagava a rua, impossibilitando o trânsito dos moradores que solucionaram, por conta própria, o problema de escoamento da água. Exibida no dia 05/04/2019, com duração 4 minutos e 10 segundos, esta cobertura visava alertar o poder público das consequências do seu descaso com a população, pois, apesar da nobre atitude dos moradores, esta não é a maneira indicada de proceder.

Apesar da escolha das reportagens não seguir uma metodologia específica, esta foi selecionada por ser mencionada pela âncora do jornal como “o caso mais antigo de cobrança” do RJ1. Após a cabeça da matéria, Susana aparece abrindo a reportagem descendo a rua cheia de buracos em um carrinho de rolimã, acompanhada por três moradores, enquanto grita “rua Basileu pior que nunca!”. A repórter levanta do carrinho e fala com os moradores que enfatizam: “o IPTU chega”; “imagine uma senhora doente descendo, não tem condições”, “a Basileu não existe para a prefeitura”, “São mais de cinco anos nessa situação”.

E esse é o mote encontrado pela jornalista que entra na casa de uma moradora e pesquisam a localização da rua no mapa. Ao ser encontrada a rua, eles ironizam e dizem que irão à prefeitura mostrar ao secretário de infraestrutura que a rua existe. Na sequência, o grupo composto por Susana e um grupo de moradores já aparecem chegando à prefeitura e questionando o secretário Leandro Mota. Este fica cercado por estas pessoas enquanto responde os questionamentos. No trecho a seguir, a fala do secretário mostra que as respostas são vagas:

É, a gente sabe da necessidade; a gente sabe o que é de responsabilidade da prefeitura; a gente tá fazendo um estudo mais profundo para que sejam feitas, inclusive, outras intervenções maiores nessa localidade. Vocês estão citando só uma concessionária, tem diversas que têm um envolvimento. Para não ter retrabalho, a gente tem que fazer o asfalto definitivo para fazer de uma vez só. Isso deve ser feito agora nesse próximo semestre de 2020. Estão esperando há anos, pois é. Diante de todas as demandas ocasionadas durante o governo anterior a gente ainda tá executando isso aí. Existe um planejamento, isso não é da noite pro dia. (Leandro Mota, durante a entrevista com Susana Naspolini).

Se percebe claramente se tratar de uma entrevista de confronto<sup>7</sup>, com as pessoas ao redor do secretário cobrando providências. A jornalista então pede dois calendários à produção e marca a data de retorno dela para ver ação diante das providências cobradas. A cobertura é encerrada com a âncora retomando a palavra.

Uma primeira inferência importante a ser feita é sobre o tempo, próprio da tv. Tudo acontece muito rápido e a própria atuação da repórter reforça e garante isso. Ela não caminha, ela corre na rua para entrar na casa das pessoas, ela fala rápido e vai impondo esse ritmo a todos a sua volta e à própria cobertura. Além de tornar tudo mais dinâmico e atender a demanda técnica do tempo de narrativa na tv, essa pressa acaba refletindo o sentimento de urgência à situação. Ou seja, passa, mesmo que subjetivamente, a ideia de que a população tem pressa, não há mais o que esperar.

Dois outros aspectos que podem ser destacados é a linguagem simples e interpelativa. Desde o tom de voz ao vocabulário utilizado, e o emprego assertivo das imagens. No primeiro caso, vale ressaltar o tom de voz dos moradores, que passam a ideia clara de indignação e impaciência, enquanto as imagens vêm mostrar o cenário que tanto incomoda. Já a irreverência na abordagem fica por conta da persona da própria repórter. O fato de abrir a matéria descendo em um carrinho de rolimã que trava e cai em cada buraco já é um atrativo para quem assiste, que sente um misto de diversão e indignação.

Já no quesito prestação de serviço, a cobertura vai ao encontro do que menciona Magalhães (2011), pois para este autor

A palavra serviço possui uma série de significados, dentre eles, o ato ou efeito de servir; a obtenção e prestação de informação; trabalho informal ou formal etc. Mas o termo “jornalismo de serviço” possui uma definição mais específica: a informação que orienta e garante ao receptor a possibilidade efetiva de ação e\ou reação (MAGALHÃES, 2011, p. 36).

Dando sequência, na segunda reportagem mencionada, referente à uma obra parada na Muzema, onde os moradores cobram a continuação do saneamento e do asfalto, após a fala do âncora, Susana surge com uma melancia pendurada em seu pescoço, sendo sarcástica ao mencionar que, quem sabe assim a prefeitura enxerga a obra parada, ou seja, ela se utiliza de uma melancia para ironizar o esquecimento da prefeitura a respeito da obra do asfalto.

Em seguida, ao entrar em um mercadinho, Susana indaga a vendedora sobre as vendas, momento em que esta afirma que, após metade da rua (na qual o mercadinho se encontra) ter sido asfaltada, as vendas aumentaram em 50%. Por outro lado, os moradores da outra parte da rua se sentem excluídos. Para exemplificar o descaso, Susana carrega a bolsa de uma das moradoras num trajeto cheio de lama e poças de água, para mostrar, com propriedade, para o telespectador, a realidade dos que ali residem. Ao ser questionada sobre o porquê morar na Muzema, uma das moradoras, chamada Antônia, afirmou: “Porque eu amo a Muzema, adoro morar aqui

---

<sup>7</sup> “são entrevistas em que o repórter assume o papel de inquisidor, despejando sobre o entrevistado acusações e contra-argumentando, eventualmente com veemência, com base em algum dossiê ou conjunto acusatório. O repórter atua, então, como promotor em m julgamento informal (LAGE, 2001, p. 34).

e quero ver o povo feliz, andando de bicicleta. As crianças pulando e saltando de bicicleta, e não andando na lama!”.

Para finalizar a reportagem, Susana afirma que, apesar do convite ter sido feito, um possível representante da obra se negou a ir até lá, todavia, a secretaria de infraestrutura enviou uma nota afirmando que a obra já havia sido concluída em um trecho, mas que devido a outras construções irregulares, bem como desabamento de prédios, a atual situação se justificaria por questões judiciais. Susana sempre buscou em suas abordagens, dar espaço de fala aos moradores. Após ler a nota enviada, ela permite que eles falem a respeito, momento em que os moradores mostram total indignação, pois afirmam que essa desculpa é a mesma de anos. Ademais, esta foi a 18ª visita de Susana ao local. Como já é de praxe em suas reportagens, a jornalista finaliza solicitando o calendário para agendar uma nova visita ao local, até que a obra seja concluída.

Por fim, em se tratando da terceira reportagem aqui citada, a jornalista nos mostra um tipo de resolução não muito comum: diante do descaso das autoridades responsáveis, os próprios moradores do Rio das Pedras resolveram, por conta própria, um problema de vazamento que estava impedindo o transitar dos que ali residiam. Com a personalidade icônica de sempre, Susana inicia a reportagem andando dentro de uma caixa em uma bicicleta, sendo guiada por um dos moradores do local.

Ao subir em uma bicicleta infantil para realizar o “teste da bicicletinha” intitulado por Susana, ela transita livremente pela rua, após a tomada de decisão da população. Com seu jeito leve e bem humorado, sempre se aproximando o máximo possível da realidade da população, Susana senta em um skate, enquanto é impulsionada por um casal do Rio das Pedras.

Outro ponto que chama atenção na reportagem, é que Susana está usando uma touca de papai Noel, que simboliza o presente de uma rua com circulação livre, porém, como já mencionado, o “presente” não veio das autoridades, como deveria, mas sim dos lojistas e moradores cariocas. A fim de proporcionar uma experiência mais real que permita ao telespectador fazer a comparação do antes e depois, a reportagem exhibe imagens de como a rua era no ano anterior, para que o telespectador compreenda a atual satisfação da população.

Susana finaliza a reportagem aplaudindo os moradores e afirma “palmas para vocês! O poder público não está chegando aqui, mas vocês meteram a mão na massa. A gente ligou para a prefeitura, eles disseram que para fazer a obra precisariam de dinheiro e que constantemente já fazem a desobstrução dos ralos”. Informação desmentida pelos moradores.

É possível observar características comuns às três reportagens supracitadas. Elas atendem ao tempo padrão da TV, como têm de ser, mas têm completude na transmissão das informações básicas e necessárias para que o telespectador tenha total entendimento dos casos e suas problemáticas. Susana sempre se insere em meio aos moradores, anda de bicicleta, skate etc. Tratam-se de reportagens que explicitam a marca registrada de Susana para fazer jornalismo: bom humor, sarcasmo com o descaso as autoridades ausentes e, principalmente, espaço e atenção à voz do povo.

Nos três momentos, ou seja, nas três coberturas, percebe-se que a jornalista empregava uma marca, uma forma de trabalho característico de uma abordagem divertida, popular e acessível. Desde suas vestimentas, passando pela linguagem simples e clima criado no lugar, Susana se fazia acessível, se colocando não apenas como uma repórter, mas como cidadã capaz de estar ali também se indignando. Claro que estamos falando de uma atuação que não deixa de ser performática, estratégia,

mas que passa para o telespectador a ideia de proximidade e participação popular e cidadã.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões às quais chegamos após a realização desta pesquisa apontam para caminhos mais humanizados que técnicos. A irreverência de Susana deixou marcas por onde passou. Ela foi de encontro ao fazer jornalístico engessado, robótico, carente de empatia e ouvidos abertos para a população, mostrando que nem sempre a formalidade e a rigidez são o melhor caminho para se aproximar do povo.

O distanciamento profissional da verdadeira realidade da população menos favorecida, por exemplo, faz com que jornais e diversas outras plataformas de mídia/notícia não sejam honestos com o que noticiam. Isso exige grande responsabilidade da arte dos responsáveis pela mediação entre os fatos e o povo.

O jornalismo é quem chega primeiro ao ocorrido para, de maneira oficial, manter a população bem informada. É quem leva a notícia à casa dos brasileiros, é quem comunica, informa, esclarece, auxilia. O bom jornalismo é aquele que não engana, que se preocupa com quem o faz existir: o povo. Tem de ser ético, responsável e, sobretudo, humano, momento em que é louvável trazer à tona, novamente, o nome da grande jornalista aqui lembrada.

Susana Napolini deu aula sobre o bom e bem feito jornalismo comunitário. Que nós, jovens profissionais do jornalismo, possamos aprender com seu legado. Que esta pesquisa contribua para a amplificação do conceito de jornalismo que carregamos conosco e possamos apreender um pouco da capacidade e grandeza profissional de Susana e outros nomes de igual relevância para a história do jornalismo.

Este artigo atinge o seu fim com a perspectiva de contribuir socialmente em aspectos institucionais, profissionais e pessoais. Respectivamente, anseia favorecer o banco de pesquisas desenvolvidas na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com a realização de um estudo responsável e analítico acerca do jornalismo.

No âmbito profissional, que possa contribuir com o conhecimento de jovens jornalistas em processo de formação acadêmica, para que reflitam sobre o fazer jornalístico a ser exercido, atentando a bases sólidas e éticas de profissionalismo. Além disso, eu possa vir a ser consultado, também, por profissionais já consolidados que têm grandes nomes como inspiração profissional, dentre os quais Susana Napolini pode estar.

Por fim, que esta pesquisa possa ter relevância não apenas para os cidadãos inteirados no ramo jornalístico, de maneira que, ao ser lida por qualquer pessoa de formação profissional distinta, sua intenção e objetivo predominante sejam apreendidos. Que este trabalho emane a percepção de que a atuação profissional soberba, superestimada e elitizada não cumpre seu devido fim: assistir a população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHVA, Laura. **What is “public” in public journalism?** Estudos em Comunicação. Portugal, v. 9 p. 119-142, maio 2011.

FREITAS, Viviane Belizario. **O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira.** São Paulo, 2006.

GALLI, G. T. O jornalismo comunitário, a democracia e as identidades individuais e coletivas. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 99-124, 2021.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 3a. ed, Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, Caio César Mota. **Meu Bairro na TV: jornalismo comunitário, público, de serviço ou instrumento de legitimação no CETV.** 2 ed. Fortaleza, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker, 2002.

MATOS, Ludimila Santos. **Telejornalismo, Estéticas do Real e Vídeos amadores: Um estudo de caso do RJTV 1ª Edição.** Rio de Janeiro, 2011.

MOREIRA, Hércules. **O Jornalismo de TV como prestador de serviços ao telespectador brasileiro.** São Paulo, 2018.

PATERNOSTRO, Vera Ísis. **O texto na TV: Manual de telejornalismo.** 5ª tiragem. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

PERUZZO, Maria Cícilia K. **Comunicação nos movimentos populares.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SCORTEGAGNA, Laís Cerutti. **Jornalismo cívico: a arte de fazer a democracia funcionar.** Porto Alegre, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo cívico.** Lisboa, 2015.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS toda honra e glória por me ajudar até aqui e me permitir alcançar esse objetivo com muita força, coragem e sabedoria para vencer todos obstáculos, mesmo diante das dificuldades. Agradeço à minha família por todo apoio e ajuda ao longo dessa jornada, em especial minha mãe Alzira Paz, meu pai José Rosendo e minha irmã Maria das Dores, que sempre fez o possível para me ajudar.

Ao grupo “Os correspondentes” (Josineide Barbosa, Willy Araújo, Samuel Falção, Cleidiane Rozendo e Rafaela Ferreira), amigos que a Universidade me proporcionou. Estivemos juntos desde o início e, ao longo do curso, fomos companheiros dentro e fora da sala de aula. A parceria, o apoio e incentivo foram fatores predominantes entre nós, muito obrigado por tudo. Agradeço à minha amiga Raylla Dantas e família, sempre muito colaborativa e acolhedora nos momentos em que precisei. Registro também o meu agradecimento a Karoliny Medeiros, que foi fundamental nesta etapa final do curso.

Agradeço a todos os servidores que fazem a Universidade Estadual da Paraíba, destacando os do Campus I, e em especial meus professores que, ao longo dessa jornada acadêmica, me proporcionaram condições para concluir este curso, bem como chegar até aqui.

Minha gratidão a Ada Guedes, professora escolhida como minha orientadora para me auxiliar durante esta etapa, que de forma humanizada e bastante profissional deu todas as condições necessárias, sempre paciente, acessível, comprometida e dedicada, me auxiliou sempre que precisei, o meu muito obrigado por tudo.

Por último, deixo o meu agradecimento a todas as pessoas que colaboram de forma direta e indireta na conquista desse objetivo, que deram apoio, incentivo e me fizeram acreditar que seria possível realizar este sonho.

Até aqui me ajudou o SENHOR (I Samuel 7:12 Ebenézer).